ANNO 7.º — Sexta-feira, 4 de Dezembro de 1914 — NUMERO 347

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A politica

Em atenção aos prazos constitucionaes inauguraram-se ante-ontem os trabalhos das duas casas do parlamento.

Após a divergencia manifestada entre evolucionistas e democraticos sobre a verdadeira classificação a dar á atual sessão, considerando-a aqueles como uma nova e ordinaria e estes como um prolongamento da anterior, foi este ultimo parecer aprovado, sendo por isso reconduzidas nos seus antigos cargos as mesmas personagens que neles se achavam investidas.

Por proposta do presidente da camara dos deputados é enviado um telegrama de saudação ao novo presidente da Republica Brazileira, sr. Wenceslau Braz; é saudado o povo português e republicano pelas inequivocas provas de amor que deu pelo regimen quando do movimento monarquico de 20 de outubro ultimo; são exarados votos de sentimento pelas vitimas que a defêsa da Patria tem causado em Africa e em seguida lê o sr. presidente do ministério um largo relatorio dos trabalhos governamentaes do qual se póde dizer que é dividido em cinco importantes partes: a politica internacional do govêrno, a defêsa das colonias e a cooperação na guerra, a ordem publica interna e a sua manutenção, realisação do programa de apaziguamento geral e o problema da instrucção e o da assistencia publica.

A camara mantém, no final da leitura, o mesmo sepulcral silencio com que ouviu o longo relatorio e, em vez de aplausos, chovem sobre a meza os pedidos de interpelação.

Extraordinariamente significativa toda esta atitude da camara, ela só vem provar que a crise politica, ha dias latente, deve ser muito em bréve um facto que não desagrada, afinal, a todos os partidos com representação em S. Bento.

Com insistencia, porém, afirma-se que não será ela declarada oficialmente sem que esteja organisada a nova lista ministerial com elementos que substituam com vantagem o atual gabinete.

Mais proveitoso e prático para as instituições sería que as crises acabassem. A hora não é para dolorosos partos ministeriaes nem para dificuldades que o bom senso indica afastar.

A situação, segundo tudo leva a crêr, vai modificar se. Pois bem: que surja ao menos um ministério nacional, acentuadamente republicano, que é isso que a nação exige e deseja neste momento.

Films . . .

De todos os tempos

Vemos num extrato duma sessão camarária publicado pelo *Camaleão* que alguem propoz que na acta ficasse exarado um voto de louvor a dois sugeitos que em Lisboa serviram de cicerones á comissão que ali foi ultimamente tratar de assuntos municipaes. Os quaes *bons auxiliares* os leitores advinham, por cérto, quem sejam.

Mas que grandes intrujões!

Coiros

Lê-se no *Jornal de Benguela* do mez passado:

«Vale a borracha menos que os coiros! Um kilo destes é oficialmente cotado em mais vinte centávos que um kilo daquela. Veja o comercio até onde desceu o mais *rico* genero de permuta e como eram ficticias as esperanças que nele depositavam... Estão os coiros na *alta* e já ha quem os compre sem escolha. Que afinal a escolha é feita com os olhos, quando, para oferecer cértas garantias, devia depender do olfato.»

Por cá o genero tambem subiu um pouco... E o que ha que não tenha subido nos tempos calamitosos que atravessâmos? Até os coiros! E mais nunca deixou de haver fartura deles...

Recordando

Não escapou á *Soberania do Povo* o aniversário da visita do *Senhor D. Manuel II* a esta cidade, em 27 de novembro de 1908, visto que no seu numero de sabado não só a recorda, como diz no fim, empavonada: *Era então governador civil deste distrito o nosso director politico sr. Conde de Agueda.*

E' verdade. Por bom sinal que o vimos imponentissimo, e aos *pardos* da Vera-Cruz, lambendo as botas do monarca, para logo de aí a poucos mezes se apresentar a saudar o sol nascente, gritando, com enfase, que *o sangue derramado nas ruas de Lisboa era sangue abençoado porque veio redimir uma patria abatida, uma nação defracada, que debalde queria vitalisar-se e engrandecer-se, mas que as ambições partidárias não deixavam conseguir*, etc., etc., etc.

A *Soberania*, se tivésse vergonha, não mais falava em coisas tristes.

Poupava assim os amos á gargalhada com que o publico costuma receber as suas manifestações realengas depois de, com tanta retumbancia, terem aderido á Republica.

Resposta facil

O mesmo jornal de Agueda anda tão preocupado com a noticia da mobilisação e da intervenção das nossas tropas na guerra, que, conjugando-a com o que se passou *e se está novamente passando*—diz—*de sobresaltos, de prisões, de vinganças, de perseguições e de rancores mal contidos*, o abalança a esta *ingenua* pergunta: *Quando voltaremos a gosar as delicias dessa paz e dessa alegria que todos nós gosávamos e que parece ter fugido do nosso Portugal?!*

Olhe a *Soberania*: póde até ser ámanhã. O ponto está em que a Republica meta na ordem os discolos que a perturbam e aos pasquins faça engulir a prosa todas as vezes que se roconheça ser avariada.

Nada mais simples.

PELA IMPRENSA

Recebemos os primeiros numeros de *O Academico*, folha dezenal, filantropica, da academia do liceu de Coimbra, que se apresenta bem redigido.

Longa vida.

= A policia desta cidade apreendeu o ultimo numero da *Escola Moderna*, quinzenario anarquista que aqui se publíca.

= Ouvimos que vai ser movido procésso judicial ao *Riso do Vouga* por um artigo em que são visados os marinheiros que fazem serviço na capitanía do porto.

Governador Civil

Regressou da capital o sr. dr. João Salêma, de cuja acção neste distrito muito ha esperar, caso se canserve á sua frente, resolvida que seja a crise.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Uma carta

Sobre a atitude que tomámos de abandonar o nosso posto na Comissão Executiva da Junta Geral, é-nos remetida a carta que segue:

...Sr. Redactor:

Lemos, com espanto, a copia do oficio que V. enviou á Presidencia da Comissão Executiva da Junta Geral em que pede a sua substituição, desde já, *de vogal da dita comissão e publicada no ultimo numero do* Democrata.

E dizemos, lemos com espanto, *porque nos surpreendeu dolorosamente tal atitude; porque, achando-a anti-republicana, a reprovamos inteiramente.*

V. hade reconsiderar e, depois de reflectir, hade dar razão aos bréves reparos que vamos fazer-lhe, modificando o seu proceder e voltando ao seu posto, como é seu indeclinavel dever.

O pedido de substituição que V. fez, é, além duma fuga que traduz uma cobardia, uma traição manifesta aos eleitores que, como nós, votaram no seu nome.

Porque votámos no nome de V.? Porque o julgámos com a capacidade suficiente para desempenhar aquele lugar e, em todas as conjunturas, capaz de, em defêsa da Verdade e da Justiça, gastar toda a sua energia de combatente destemido e ousado.

Assim sendo, não póde V. saír daquela Comissão senão depois de publicamente demonstrar ao eleitorado que o honrou com aquele mandato, que não está, hoje, á altura da missão que lhe confiáram e, portanto, que os principios que tem defendido, até ali, foram remexidos e modificados inteiramente nas suas bazes.

Só assim. Mas isso não sucederá.

Doutro modo, por nenhuma ordem de considerações nós lho consentimos.

Temos o direito de exigir-lhe o cumprimento integral da nossa delegação.

Pois V. declára, no seu oficio, que não concorda com os actos administrativos daquela Comissão e, em vez de os atacar e discutir no seio da mesma Comissão e no seu jornal para que nós nos capacitêmos, vendo-o pelejar em prol da Verdade, que um acto digno praticámos tendo votado o seu nome, delibera serena e comodamente voltar costas ao lugar sem nenhuma consideração por nós, deixando a Comissão praticar todos os erros e esbanjamentos á vontade?

Foi, acaso, esse o procedimento dos deputados republicanos no parlamento da monarquia?

Indubitavelmente, não. Lutavam denodadamente pela Verdade e pela Justiça, e, expulsos das camaras depois de, em plenas sessões, agitarem as imoralidades do regimen e dos seus servidores, nem assim se calaram.

Clamavam sempre, defendendo a Verdade, através de todas as ameaças e ultrages, e o povo, que os elegeu, ouvia-lhes o seu brado clamoroso e justo.

Entre nós, o mesmo papel lhe compéte.

Ha imoralidades, modos de administrar perniciosos, deliberações ruinosas a combater?

Pois é aí o seu posto, de cabeça erguida, dando combate áqueles que não sabem ou não querem seguir pelo bom caminho.

De hoje em diante, com aquela declaração, V. tomou um compromisso de honra a que não póde faltar: é voltar ao seio daquela Comissão, discutir e pugnar por uma sã e recta administração e, no seu jornal, dar-nos conta dos seus esforços gastos em defêsa do bem publico.

Confessar publicamente que ha erros grâves e voltar-lhe as costas sem os combater, sería pactuar sem esses actos, irregulares ou crapulosos, desclassificando o seu nome.

Isto, cértamente, não o praticará V.

Vai V., pois, ter a palavra desde já sobre os asilos e sua administração.

Assim o espera, ficando de atalaia e pronto para voltar ao assunto, um

Um eleitor

Cremos que o autor desta carta é um velho amigo nosso, pessoa categorisada e que sabemos ter manifestado a sua reprovação pela nossa atitude em face do que se vem passando na Junta Geral quanto á aplicação do dinheiro do povo no Asilo. Seja, porém, quem fôr o que é cérto é que da mesma opinião do *eleitor* parece ser muita gente a avaliar pelo numero de bilhetes e cartas que temos recebido, todas referentes ao mesmo assunto e incitando-nos tambem a retomar o nosso posto na Comissão Executiva para melhor pugnarmos pelos interesses que lhe andam adstritos visto alguma coisa de util ser preciso fazer que justifique a sua existencia.

Tantas provas de confiança e, sobre tudo, de plena aprovação á nossa conduta de republicanos, realmente confundem-nos. Todavía precisamos esclarecer que a resolução tomada não implicava completo abandono dos trabalhos da Junta visto não termos abdicado dos nossos direitos de procurador, reservando-os para, nas sessões plenárias, discutir o que achassemos por conveniente e em harmonia com o nosso critério. Não somos dos que á primeira—temo-lo demonstrado—se dão por vencidos deante de qualquer contrariedade. Tambem nunca, por cobardia, deixámos de estar onde o dever nos impõe que estejâmos. Mas, no caso restrito de que se trata, magoou-nos profundamente ter de manifestar uma opinião contrária á dos nossos colégas quando de mais a mais o desacordo provinha só da inoportunidade do provimento do logar de 2.º prefeito da secção masculina do Asilo, que traz á Junta mais um encargo de 200$00, quando outros ela ainda tem por saldar e precisamente nas vesperas dum agravamento de despêsas, como fatalmente vai acontecer no futuro ano, devido á subida dos generos alimenticios, afóra o resto que ha necessidade imperiosa de adquirir, não se sabe porque preço, mas cértamente bem mais caro do que até hoje se tem pago. E aí está o motivo do nosso aborrecimento, do nosso desanimo, quiçá da nossa emulação.

Ninguem nos póde acusar de termos zelado menos dignamente os interesses da Junta. Procurando por todas as fórmas, concertar o que ha tanto se nos afigura *fóra dos eixos* supomos que essa deve ser a missão para a qual fomos eleitos e comnosco os que se encontram nas mesmas condições.

Não nos dá, por isso, novidade nenhuma o *eleitor*, nosso amigo, que entrementes nos induz a voltar aos trabalhos da Comissão Executiva donde não quer que saiâmos visto estar por cumprir a missão de que o eleitorado nos encarregou dando-nos o seu voto.

Pois bem. Não hão-de ter razão de queixa o *eleitor* nem os muitos cidadãos que se nos dirigem incitando-nos a proseguir no verdadeiro caminho que á Junta compéte trilhar. Vamos pensar no caso detidamente. E, recuperada a energia, de posse de novos alentos, é muito possivel que em bréve aqui nos encontremos nestas colunas a demonstrar quanta razão nos assiste opondo-nos á marcha desordenada—porta fóra—dos fundos que o povo vai legar á Junta sem que se atenda ao sacrificio que isso representa.

Vamos pensar no caso.

Desmascarados

Não resta duvida que a horda monarquica anda em maré de infelicidades. Ao fracasso da intentona restauracionista de 20 de outubro veio juntar-se agora um documento que, tornado publico, mostra em todos os seus detalhes quanta razão nos assistia ao classificarmos de pura *chantage* o que a imprensa realista vinha afirmando sobre a cumplicidade do fugitivo da Ericeira nesse movimento e que ainda no ultimo numero provocou ao *Democrata* aquele *suelto* dos *films* dirigido ao pasquim de Cambra, tão convencidos estávamos da mentira que, por conveniencia dos leprosos adeptos do rei deposto, se vinha espalhando aos quatro ventos da publicidade.

Deve-se a famosa peça ao não menos famoso conspirador, bacharel Bacelar Teles, ha dias preso, e a quem foi endereçada, havendo-a a policia encarregada das investigações assim como uma circular remetida a vários conspirantes que chefiavam grupos locaes, o que tudo é do teor seguinte:

VALLADOLID, 9 de setembro de 1914

Meu caro amigo

A carta de sua magestade el-rei, cuja publicação solicitei e que tanta impressão causou dentro e fóra do país, impunha-se pelas circunstancias especiaes e excepcionaes em que sua magestade se encontra como antigo e fiel aliado de sua magestade britanica e admirador e amigo de um país que tanto lhe tem suavisado o exilio e bem recolhido todos os exilados. Além disso, julgando sua magestade interpretar o sentir de todos os portuguêses e em especial dos seus devotados partidarios—a grande maioria da nação—impressionado pelo perigo que, *a essa data*, ameaçava a nossa integridade, num elevado impulso de patriotismo e abnegação, aconselhava e desejava que se abstivéssem de lutas politicas internas e que todos, abraçando a causa sagrada da Patria, jámais pudéssem deixar de ser tidos como bons e leais portuguêses. Imperou ainda e muito no animo de el-rei a especulação politica que o govêrno, a imprensa e os agentes da Republica estavam fazendo no país, na Inglaterra e na França, pretendendo fazer crêr que não só a Republica desejava e se esforçava por acompanhar os antigos aliados de Portugal como até que os monarquicos lhes eram hostis. Posso afirmar-lhes que estas e não outras foram as razões do gesto nobre e espontaneo de el-rei e que, nem com o rei Jorge, nem com o governo inglês ou outro, houve prévio entendimento ou mesmo sugestão quanto á nossa politica interna ou trabalhos da nossa causa. Sua magestade, que sempre se tem dignado honrar-me com a sua amisade e confiança, deseja e quer, acima de tudo, o bem da Patria. Desde que deixou de *existir a eminencia do perigo* e ha feitos trabalhos e combinações importantes que, por circunstancias obvias, não conhecia em toda a extensão e valor **entende que se deve proseguir** e que, como português e rei, deve estar com o seu povo onde a honra e o dever o aconselhem. Pela minha parte, agora e sempre estou incondicionalmente com o nosso país, com o nosso rei e com os nossos bons e queridos amigos. Desfeitas, pois, as justas apreensões que aí surgiram e em vista dos magnificos elementos de que dispomos e do procedimento inqualificavel do governo da Republica para com el-rei e para comnosco, sou de opinião que vamos para a frente e quanto antes.

Um abraço apertado do seu

João de Azevedo Coutinho

A circular:

Ex.mos amigos

A carta de sua magestade el-rei D. Manuel, publicada nos jornaes, obrigou o *comité* a adiar o movimento até que, muito positivamente, se certificasse do alcance internacional da nossa carta. As dificuldades de comunicações só hoje permitiram a este *comité* receber a carta cuja copia vai junta, e, *para irmos para a frente e quanto antes*, rogâmos aos nossos amigos que nos informem *no praso maximo de 6 (?) dias*, se estão preparados para cumprir as instruções geraes e especiaes que este *comité* lhes enviou no fim do mez passado.

Lisboa, 11 de setembro de 1914.

Que dirão a isto os escribas de aluguer que até são capazes de negar a propria existencia de Cristo, sem ser o *Pulha*, se acaso esse cavalheiro existiu?...

Aos nossos presados assinantes dos concelhos de **Estarreja** e **Ovar** para quem agora foram enviados os recibos á cobrança, pedimos a fineza de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso do correio, o que sincéramente lhes agradecemos.

Os novos edificios para hoteis e a Associação Comercial de Aveiro

Deve ter saído na folha oficial o decreto que concede determinadas vantagens ás emprêsas que dentro de cinco anos construírem edificios proprios para hoteis. Entre as vantagens concedidas, contam-se as seguintes:

Isenção de contribuição predial até se completarem dez anos de exploração;

Isenção de contribuição industrial durante o mesmo prazo de tempo;

Proíbição ás corporações administrativas de, durante vinte anos, lançarem qualquer contribuição sobre a exploração de tais estabelecimentos.

Não averiguámos ainda se a cidade de Aveiro foi incluida no numero das que semelhante diploma beneficia; o que sabemos é que a nossa Associação Comercial não descurou o assunto, pois ainda em 20 de novembro ultimo se dirigiu, por intermedio do seu zeloso presidente, sr. José Gonçalves Gamelas, ao titular da pasta do Fomento, nos seguintes termos:

«A cidade de Aveiro que, pelas suas condições naturaes, tanto tem impressionado os estrangeiros que ocasionalmente a teem visitado, e até os proprios portuguêses que em fugidías excursões por terras estranhas cuja fama os tem atraído, não trepidam em declarar que esta região é unica no país—a cidade de Aveiro merece, como em abril do corrente ano foi prometido, por V. Ex.ª, ao ilustre deputado por este circulo, Alberto Souto, ser incluida no artigo 7.º do projecto de lei referente a emprêsas construtoras de hoteis. Lá como esta Associação vê que outras localidades já conseguiram este beneficio, quando é cérto que Aveiro ainda não apareceu entre as cidades beneficiadas, venho, em nome dos interesses que me

A' memoria de José Estevam Coelho de Magalhães

No momento actual em que as nações mais poderosas da Europa, se guerreiam numa luta sangrenta para defenderem, uns, os seus legitimos interesses, outros, combatendo barbara e ganànciosamente para esmagar as pequenas nações, pela força das armas mas sem o direito de justiça; Portugal, pequeno no tamanho mas grande na historia da guerra, é chamado talvez a ocupar o seu logar de guerreiro ao lado dos seus antigos aliados.

Na historia dos acontecimentos ficam nomes gravados nas paginas, que as gerações não deixam apagar. José Estevam pertence ao numero desses nomes humanitarios de grandes heroes que soubéram bater-se para defenderem a Patria.

Quem estas linhas escreve, filho da formosa cidade de Aveiro, uma segunda Veneza, vem prestar homenagem ao português que se chamou José Estevam Coelho de Magalhães, que nasceu néssa linda cidade e que faz hoje 52 anos que faleceu em Lisboa.

Sinto devéras não dispôr de conhecimentos para falar do patriota ilustre que foi José Estevam, gigante parlamentar, bravo e heroico na defêsa das liberdades colectivas, coração ternissimo, cérebro dos mais brilhantes e fecundos no nosso país—gloria imortal duma nação que foi o assombro do mundo.

* * *

José Estevam era filho dum honrado medico de Aveiro, e matriculando-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, em bréve creou fama de muito distinto e perigoso—por ser liberal.

A fronte espaçosa e austera de José Estevam, já na vida de estudante, em Coimbra, indicava que estava ali um orador colossal; a sua vós firme, o seu gesto largo e imponénte, o seu olhar altivo e vivo e a pureza dos seus conceitos, já então faziam prever que se estava ali desenvolvendo o tribuno mais brilhante da nossa historia

* * *

Portugal, que conta na sua historia bravos, como Nuno Alves Luciano Freire, pagem da devassa Leonor Téles, o mistico sonhador da Escola Media Portuguêsa, o heroe de Aljubarrota, pareceu sucumbir no reinado de D. Miguel sob o regimen da tirania. José Estevam abandona Coimbra e vai para o extrangeiro a chorar a sorte da patria querida.

Não foge aos combates dos adversarios dignos—prepara-se para morrer com a Patria ou em defêsa do povo a quem ele ama até á exaltação, até ao fanatismo.

Num gesto rapido, volta, lança mão da espada, coloca-se ao lado dos mais humildes filhos do povo, e, lado a lado com eles, oferece o peito ás balas, o seu sangue á liberdade, a sua vida á causa dos oprimidos.

Sempre na vanguarda dos combatentes, ninguem com mais bravura e até temeridade defrontou a morte: tão novo como valente, tão destemido como generoso, ele era o orgulho do audaz batalhão academico.

Como se vê, entre a juventude academica, residia a lealdade e a nobreza, o carater e a virtude, a abnegação e o desinteresse!

* * *

Batido o D. Miguel, escarraçado de Portugal, respira o povo com a quéda do despotismo.

José Estevam larga então a espada e vai terminar o seu curso no meio de triunfos. Depois surge no parlamento para continuar a sua brilhante epopeia.

Cada discurso de José Estevam é um formidavel clarão que deslumbra o país inteiro; porte altivo e cabeça magestosamente levantada, estes atributos faziam de José Estevam, na tribuna, uma figura lendaria.

Um só sentimento o impulsiona: o amor da liberdade.

Desinteressado e grande, nada pede para ele; mas ninguem como ele pediu para os humildes, ninguem como ele tentou minorar a miseria alheia.

* * *

Uma das passagens mais brilhantes da vida politica de José Estevam foi a instrução.

Os lazaristas e as irmãs da caridade invadiam o nosso país com o maior desplante tentando apoderar-se do ensino; o clericalismo fazia tremer os ministros de Estado; e quando todo o parlamento, dando o exemplo da mais lastimavel baixesa, se encolhia perante a ousadia das congregações religiosas, José Estevam sóbe á tribuna e déla, arremeçando palavras como ondas, fulmina o govêrno pela sua fraquesa e o parlamento pela sua cobardia estigmatisando os lazaristas.

Fez-se o silencio dos grandes momentos!

A assembleia estava muda de espanto, esmagada pelo verbo eloquente do sublime orador!

Os écos daquéla voz retumbante e magestosa simbolisando a voz e o sentir da patria, percorreu, num frémito de entusiasmo e de revolta, pelo país inteiro!

Na memoravel sessão de 21 de Junho de 1861, em que o grande orador ultrapassa todos os seus triunfos parlamentares, ele finalisa as suas sublimes e extraordinarias considerações ácêrca do ensino congreganista, mandando para a mesa uma proposta tendente a proibir a introdução, em Portugal, das congregações religiosas, e a continuação do estabelecimento do instituto das irmãs da caridade de S. Vicente de Paula; outro sim, néssa proposta de José Estevam se consignava que devia ficar defêso ás irmãs da caridade e aos padres, em todo Portugal, a ministração do ensino.

* * *

José Estevam, foi um coração diamantino, um filho querido e exemplar, irmão incomparavel e ternissimo, marido afavel e leal, pae extremoso, patriota ilustre, orador colossal, liberal convicto e puro, soldado destemido e cidadão sem macula. Alcunharam-no de *impio*—pelos eternos portadores da imoralidade polida e da mentira, pelos representantes duma seita carregada de crimes—simplesmente porque ousou combater as congregações religiosas.

Espantosa desvergonha!

Ele que tantas vezes derramou o seu sangue generoso, difundindo a liberdade; ele que conquistou por duas vezes, com actos de bravura, a mais alta condecoração portuguêsa, não afrouxou nos seus combates ás congregações religiosas; antes pelo contrario: batendo-as por todos os lados, fundou, para opôr aos *coios* jesuiticos, a admiravel e benemerita instituição que tem o nome de *Asilo de S. João*.

Faz hoje 52 anos que a morte ceifou a vida ao defensor querido da patria Portuguêsa; e de 1862 para cá, o amor patrio tem sido por vezes traído. Se ha outra vida, que tristeza amarga de hoje acompanhará o espirito de José Estevam ao contemplar esse imenso desdem!

Beira, 4 de Novembro de 1914.

J. G. P.

Este artigo veio publicado no jornal *A Patria*, que na Beira, Africa Oriental, sáe semanalmente e que, por ser de um patricio nosso--Joaquim Gomes de Pinho?—o reproduzimos com desvanecimento por vêrmos que ainda existe lá fóra quem honre sobremaneira o nome désta linda terra.

---

cumpre defender, e que naturalmente defendidos estariam se se atendesse á opinião que sobre esta região teem tantos escritores e viajantes que do estrangeiro conhecem o que lá se reputa mais pitoresco e digno de admiração—venho rogar a V. Ex.ª, em nome do comercio de Aveiro que represento, que esta cidade seja incluida no artigo 7.º do citado projecto de lei.»

Como acima fica dito, não sabemos ainda se Aveiro foi abrangido pelo decreto que a folha oficial acaba de publicar; mas pelo exposto vêem os nossos leitores que a nossa Associação Comercial não despresou o assunto.

Oxalá que os seus louvaveis exforços tenham sido corodos de exito.

"HALOS,,

José Augusto de Castro, o mimoso poeta e jornalista, director do *Combate*, da Guarda, acaba de nos oferecer um elegante volume de poucas paginas, mas onde se encerram sentidos versos de homenagem ao ilustre filho daquela terra, sr. Francisco Antonio Patricio, em quem o autor do *Halos* reconhece nobrêsa e valor, inteligencia e dedicação, altruismo e bondade.

Agradecemos a José Augusto de Castro a sua lembrança. E se é cérto que pelas suas brilhantes qualidades de espirito temos a maior admiração, hade o antigo camarada permitir que o felicitemos por esta nova manifestação de justiça com que se honrou, dignificando os principios que sempre tem defendido com inexcedivel superioridade e altivez.

Pugilato

Após bréve altercação houve na terça-feira de manhã, nos Arcos, um conflito *corp á corp* entre os srs. Antonio Maria Ferreira e Artur Reis o qual ficou logo sanado devido á intervenção de várias pessoas, que separaram os contendores.

Nenhum deles apresenta qualquer ferimento.

Aguas livres?

—=(*)=—

Para a situação aflitiva e ameaçadora de quantos, com o seu capital uns, outros com o seu trabalho, que é o pão quotidiano, já se acham a braços, e que em artigos sucessivos endereçados ao sr. ministro da marinha, aqui temos vindo registando; como se não bastasse para eles, directamente, e para nós todos, indirectamente, a gravidade deste momento já de si tão pesado e dificil, pelo abuso e desrespeito de disposições que delimitam a distancia a que são consideradas territoriaes as aguas da nossa costa, invadidas todos os dias pelos vapores de pesca que pairam ás dezenas pelo litoral; como se não fossem ouvidos os protestos e reclamações que de toda a parte se fazem sobre tão momentoso assunto, ó govêrno, segundo se deduz pelo que lêmos e reproduzimos, parece que numa inconsciencia criminosa, pensa não só em agravar a alarmante situação que atravessamos, mas em dar-lhe um verdadeiro golpe de misericordia que representa, sem duvida, o inicio duma fase gravissima que conduzirá á desordem e á anarquia milhares de homens que a fome vai surpreender na mais angustiosa e desesperadora miseria.

Assim, diz a imprensa da capital:

Já ha dias se veem recebendo noticias de vários pontos do país dum justificadissimo alarme por motivo de uma vergonhosa concessão, que se diz vae ser feita á Hespanha, para que esta consinta em fazer por sua parte outras concessões, a fim de se fechar o projectado tratado de comercio entre os dois países peninsulares. Essa concessão sería nada mais nada menos que a nossa renuncia ao privilegio das aguas territoriaes para o efeito da pesca!

Pediu a Hespanha isto, é certo; mas o govêrno da Republica, quando éssa reclamação se formulou, não quiz sequer discutir a hipotese, e com carradas de razão. Era então ministro dos estrangeiros o sr. Augusto de Vasconcélos? Não temos a certeza. Mas se era, como se compreende a reviravolta de agora? Se não era, que factos o autorisam a supôr hoje que o país esteja disposto a subscrever essa porcaria?

Por tudo isto recusamo-nos por enquanto a acreditar na noticia, que, aliás, traz com tamanha razão alvoroçados os centros piscatorios e a nossa industria das conservas de peixe. Aguardamos por isso esclarecimentos oficiaes, que já se estão demorando mais do que sería para supôr em um govêrno que usa e abusa de *notas oficiosas* para os mais pequeninos incidentes da sua mesquinha vida administrativa.

Mas se contra o que supômos, realmente o govêrno pensou ou pensa em permitir aos barcos hespanhoes a pesca livre nas nossas aguas, grandes ilusões o esperam.

A reacção contra tal medida é geral.

Na Associação Industrial Portuguêsa teve já logar uma reunião da respectiva secção de pescas a que presidiu o seu presidente, sr. Candido Corrêa, a fim de discutir as bases em que se poderia fazer o tratado de comercio com a Hespanha no referente a pesca, defendendo os interesses da industria portuguêsa e muito especialmente da industria algarvia. Depois de explicações do presidente da Associação, houve larga troca de impressões, sendo por fim aprovadas duas propostas, dos srs. Carlos Ferreira e dr. Fuzeta, dando um voto de confiança e plenos poderes á meza da secção de pesca da Associação Industrial para que, acompanhada pela direcção, trate do assunto dentro das bases que ficaram assentes. A esta comissão foi, por votação unanime da assembléa, agregado o sr. dr. Carlos Fuzeta. Foi tambem resolvido que todos os presentes fossem ao ministério dos estrangeiros frisar ao titular déssa pasta a importancia da questão que se debate, aproveitando a ocasião para reclamar contra a elevada e injusta taxa das licenças de pesca e para pedir que da comissão de pescarias faça parte um representante da Associação Industrial. Foram lidos telegramas da Associação Industrial de Lagos, câmara de Portimão e armadores de Sines, dando o seu apoio ás resoluções da assembléa.

Como se vê o movimento de protesto, aliás justissimo, que por toda a parte se levanta contra tão desgraçada medida, é da maior intensidade.

Não é só todo o Algarve que se alvoroça na prespectiva da sua ruina. O norte agita-se e bom será que, entre nós, se inicie, sem demora, identico protesto que para todos implica o esforço na defêsa dos mais sagrados e vitaes interesses dos povos désta região maritima.

* * *

Já depois de composto este artigo soubémos dos seguintes telegramas enviados para Lisboa:

Ex.mo Ministro dos Estrangeiros
Lisboa

A Associação Comercial e Industrial de Aveiro reconhecendo gràves prejuizos para esta importante região qualquer concessão feita a barcos de pesca hespanhoes, deixando os livremente pescar em aguas territoriaes do nosso litoral, protesta com toda a veemencia em nome de milhares de prejudicados incluindo o proprio Estado.

O Presidente,

José Gonçalves Gamélas

Ex.mo Ministro Estrangeiros

A Junta da Paroquia Civil da Vera-Cruz interpretando o sentir dos povos désta rigião, protesta contra qualquer concessão feita a barcos hespanhoes para livremente pescarem em aguas territoriaes da zona maritima de Aveiro.

O Presidente,

José G. Gamélas

Capitão Ferreira Viegas

Depois de ter passado algum tempo em Lisboa onde esteve a fazer tirocinio para major, regressou a Aveiro este nosso presado amigo e brioso oficial de infanteria 24.

Oxalá dentro em bréve o vejâmos no posto para que foi plenamente aprovado.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

Notas mundanas

Com destino a Manáus embarca no dia 7 em Lisboa, onde já se encontra desde terça-feira, o sr. Clemente Rodrigues Simões, comerciante dos mais acreditados naquéla praça brazileira e que ha uns poucos de mezes se encontrava descançando em S. João de Loure, sua terra natal.

Que faça bôa viagem e a felicidade o não desampare é o que sincéramente lhe desejâmos.

= *De visita aos seus esteve no principio da semana em Aveiro, o 1.º tenente da armada sr. Silverio da Rocha e Cunha, que já regressou a bordo do* Adamastor *onde faz serviço.*

= *Não tem passado bem de saude o conceituado negociante das Aradas, sr. José Nunes da Ana.*

= *Egualmente se acha adoentado o sr. Manuel Maria Tavares, de Requeixo.*

= *Seguiu para Lisboa afim de embarcar no proximo paquete para o Pará o nosso excelente amigo, sr. João Pedro Gomes Amador, cujo caracter tivémos ocasião de apreciar este ano, na Costa Nova, onde passou a época balnear, fazendo parte da jeunesse doré daquéla praia.*

Correspondendo ao seu abraço de despedida, daqui lhe desejâmos todas as venturas de que é digno tão simpatico como primoroso rapaz.

= *Consorciou se na quarta-feira com a menina Maria do Céo Matos Sarabando, uma das mais gentis tricanas da nossa terra, o sr. Armando Ferreira da Costa, empregado na Agencia do Banco de Portugal.*

Serviram de testemunhas os srs. Antonio da Cruz Bento Junior e José Maria da Costa Monteiro.

Bôa fortuna.

= *Vindo de Malange, encontra-se na sua casa do Vale de Ilhavo, o sr. Domingos Rei Neto, digno escrivão do 2.º oficio naquéla comarca.*

Teatro Aveirense

Resolveu a direcção desta casa de espectaculos, onde, com geral agrado, se estão dando sessões cinematograficas ás quintas-feiras, sabados e domingos, que os acionistas e suas familias gosem a redução de 50 % no preço dos bilhetes de plateia e camarotes numa das sessões das quintas-feiras a contar de ontem.

No estabelecimento de ourivesaria do sr. Antonio Vilar, sito na rua de José Estevam, é onde se passam os bilhetes de identidade, que os interessados pódem desde já reclamar apresentando a respectiva acção legalmente averbada.

A'manhã será exibida a sensacional fita historica *Cleopatra*, que decérto levará ao teatra muitissima gente ávida de a conhecer.

O PADRE SERODIO E O VENENO FANATICO

—=(*)=—

Em abono do pedestal da Liberdade, simbolo da religião, do amor, da razão e da justiça, permitai-me, leitores amigos, que mais uma vez continue o meu arrazoado debaixo dos predicados que acima pondero, sem mêdo e sem receio dessa turba fanatica, venenosa e reaccionària que tenta por todos os meios, mesmo os mais preversos, derruba-lo para melhor poder esfarrapar e calcar aos pés, como tem feito, o codigo sacrosanto da lei que selvaticamente é violada por ter a seu lado o tripudio da impunidade. Parece inacreditavel que em plenas barbas da autoridade se cometam tantos atropelos para cobardemente ser desrespeitada uma Republica cheia de caridade e amor.

Proíbir um padre, ministro cultualista duma freguezia do concelho de Gaia que acidentalmente esteve ou está na vila de Oliveira de Azemeis, que em harmonia com os art.os 8, 11 e 12 da lei da Separação, deseja exercer actos do culto religioso, achamos forte. Pois esse masmarro cura de almas, chefe do bando reaccionário não só não lhe permitiu, ao padre Serodio, celebrar o culto como tambem o ameaçou: se não saísse imediatamente do templo mandaría tocar os sinos a rebate!... Ora esse padre, vendo se desprotegido pela autoridade, teve de retirar-se regressando a casa por entre os apupos da turba selvatica, enquanto que os senhores feudaes da junta contemplavam, do adro, aquela obra como outr'ora os hipocritas religiosos contemplavam as vitimas da inquisição, regosijando-se com o seu nefando crime! O liberal padre Serodio é vitima de eguaes salvagerias pois que ha cinco mezes que não celebra missa nem exerce outros actos do culto porque a juntinha feudal da paroquia não lho permite e assim se deixa prejudicar os interesses de um padre que quer seguir o caminho do bem com nitida pureza, afastando-se daqueles que destróem os lares, conspurcam a mulher, destróem a paz da familia e da sociedade em nome de Deus que lhes permite isto e não quer que o padre liberal se case para seguir o caminho errante! Preversos e cinicos: a nossa religião permite o casamento ao padre e o padre Serodio hade celebrar o seu casamento religioso ás claras, com pleno conhecimento da turba reaccionária no dia em que chegar a Republica a estas paragens e com ela o cumprimento rigoroso das leis do país!...

Viva o padre Serodio!

Viva a Republica!

Abaixo a hipocrisia religiosa!

Pinhão, O. de Azemeis, 1

Padre Mestre

PASSEIO PUBLICO

Está sendo transformado sob a direcção dum conceituado jardineiro do Porto este aprazivel recinto, que ficará com ruas mais largas e arvoredo proprio em substituição do antigo que tem resistido aos temporaes.

Era uma necessidade. E pois que a câmara se abalançou á emprêsa não temos senão que a louvar pela sua acertadissima resolução.

O conflito

—=(*)=—

A força que gasta e a que não se gasta

Henri Bergson considerado o mais elevado filosofo latino da atualidade, embora nascido na Escocia é hoje francês pelo espirito e por o coração.

Aqui reproduzimos parte duma das suas ultimas conferencias na antecipada convicção de que os nossos leitores, como nós, devidamente apreciam as coisas belas do pensamento humano, especialmente tão cheias de verdade e de patriotismo como a que se segue:

«O resultado da luta não é duvidoso: a Alemanha sucumbirá. Força material e força moral, tudo o que a sustenta, acabará por lhe faltar, porque éla vive das provisões feitas por uma vez, porque éla as esgota e não saberá renova-las.

Sobre os seus recursos materiaes, tudo tem sido dito. Terá dinheiro, mas o seu credito baixa, e não se descortina onde poderá pedir emprestado. Falta-lhe nitratos para os seus explosivos, essencia para os seus motores, pão para os seus sessenta e cinco milhões de habitantes; disto tudo éla fez previsão: mas virá o dia em que os seus celeiros serão vasios e secos os seus reservatorios. Como os encherá de novo?

A guerra, tal como éla a faz, causa, em suas terras, uma terrivel perda de homens: portanto, ainda por este lado, todo o reabastecimento é impossivel; o menor auxilio não lhe irá de fóra, porque nenhuma empresa lançada para impôr a denominação alemã, a *cultura* alemã, os produtos alemães, não interessa nem interessava jámais senão o que é alemão. Tal é a situação da Alemanha em face duma França que guarda intacto o seu credito e aberto os seus portos, que procura viveres e munições como lhe apraz, que reforça os seus exercitos com tudo o que os seus aliados lhe trazem e que póde contar, porque a sua causa é a causa da propria humanidade, com a simpatía, cada vez mais activa do mundo civilisado.

Mas tudo isto é ainda apenas a força material, aquéla que se vê. Que dizer da força moral, aquéla que não se vê, aquéla que mais importa, pois que éla póde suprir o resto numa certa medida e que sem éla o resto nada vale?

A energia moral dos povos, como a dos individuos, só se póde sustentar graças a qualquer ideal superior a êles, mais forte do que êles, ao qual êles se aferram solidamente, quando sentem vacilar a sua coragem.

Onde está o ideal da Alemanha contemporanea? Passou o tempo em que os seus filosofos proclamavam a inviolabilidade do direito, a eminente dignidade da pessoa, a obrigação para os povos de se respeitarem uns aos outros. A Alemanha militarisada pela Prussia expulsou para longe de si essas nobres ideias, que lhe tinham ido de fóra, na maior parte da França do seculo dezoito e da Revolução. Ela criou uma alma nova, ou antes aceitou docilmente a que Bismarck lhe deu. Atribue-se a este homem de Estado a frase célebre: *A força prevalece sobre o direito.*

Para bem dizer, Bismarck jámais a pronunciou, pois êle nunca se importou de distinguir o direito de força: o direito era simplesmente, a seu vêr, o que o mais forte quer, o que é estipulado pelo vencedor na lei que ele impõe ao vencido. Toda a sua moral se resumia nisto. A Alemanha actual não conhece igualmente outra.

Ela tem, éla tambem, o culto da força brutal. E como se crê a mais forte, absorve-se por completo na adoração de si mesma. A sua energia provém dêste orgulho. A sua força moral é apenas a confiança que a sua força material lhe inspira. Outro tanto é dizer que, nisto, ainda éla vive das suas reservas, não tendo modo algum de abastecimento. Ainda antes da Inglaterra ter começado o bloqueio das suas costas, éla a si propria se tinha bloqueado, moralmente, *isolando-se* de todo o ideal capaz de a revivificar.

Ela hade vêr gastar-se ao mesmo tempo as suas forças e a sua energia. A energia dos nossos soldados está, porém, suspensa a qualquer coisa que não se gasta, a um ideal de justiça e de liberdade. O tempo não tem acção sobre nós. A força que não se alimenta senão de sua propria brutalidade, opomos nós a que vae procurar fóra déla, acima déla, um principio de vida e renovação. Enquanto que aquéla se esgota pouco a pouco, esta refaz-se sem cessar. Aquéla vacila já, esta permanece inabalavel. Não tenhâmos receio: *ceci tuera cela.*»

Uma carta de Saint-Saens

A academia e a associação de musicos de Munich escreveram ao grande compositor Saint-Saens uma carta, na qual *os musicos alemães lhe expremiam o seu pesar por vê-lo animar o odio contra a Alemanha e contra a cultura artistica alemã.*

Camilo Saint-Saens respondeu:

«A carta que fazem a honra de dirigir-me pela imprensa é de fórma cortês e por isso vol-a agradeço.

Não me será dificil responder-vos.

Não esqueci que artistas alemães muitas vezes executaram as minhas obras, que os teatros alemães representaram a minha opera *Sansão*, que recebi condecorações alemãs, e por tudo isto fiquei-vos reconhecido. Que importa.

Um rio de sangue e lama nos separa de hoje para o futuro. Não posso ter simpatías para um povo que classifica de *pedaços de papel* os tratados que assinou; que aniquilou em Leipzig os tesouros inapreciaveis que a França e a Inglaterra lhe tinham confiado, que destruiu sem necessidade maravilhas que o tempo e as guerras da Idade-Media e as revoluções haviam respeitado; que massacra as mulheres e as creanças; que faz recuar a civilisação até aos tempos mais barbaros, e que afixa, impudentemente, a intenção de dominar as tres quartas partes da Europa.

Ricardo Wagner tornou-se a personificação artistica da Alemanha moderna; todo o bem alemão põe o seu retrato ao lado do do imperador; a Alemanha serviu-se do seu genio para infiltrar a alma alemã na alma de todos os povos.

E' por isso que eu o combato. Não é por culpa minha se êle ao pôr *uma capitulação* na colecção das suas obras completas, em lugar de a deixar esquecer forneceu armas contra si proprio. Porque fala ele de odios francêses como começo da guerra?

O que é isso comparado com os seus grosseiros insultos aos inimigos vencidos?

Eu escrevia ha alguns anos:

Dantes estimava-se a Alemanha, hoje odeia-se.

Hoje odeia-se a Alemanha, consideramo-la execravel, e éla bem o mereceu.

(a) *Saint-Saens.*»

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

DEZEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
6	BRITO
13	REIS
20	MOURA

CORRESPONDENCIAS

Palhaça, 1

Apareceu ontem morto em cima de um aqueduto o conhecido alcoolico José da Silva do Poço, presumindo-se que tenha sido vitima de alguma congestão devido ao seu estado de embriaguês, a não ser que na autopsia se apure o contrario.

Ha anos que um irmão deste morreu por ter provocado uns companheiros com quem se envolveu em desordem, falando-se tambem de que a este talvez sucedesse a mesma coisa. Não duvidamos.

José da Silva do Poço era um destes selvagens com quem ninguem podia ter relações. Era uma creatura que entrava numa taberna em camaradagem e poucas eram as vezes que ele, depois de bebedo, não se revoltava contra esses camaradas, puchando logo pela faca ou pelo punhal, de que sempre andava munido. Nem o proprio pae respeitava, pois ainda ha pouco tempo constou ter o pae apanhado dele uma sova muito regular. A amante andava tambem ameaçada de morte, uzando êle da faca á cabeceira da cama, pelo que éla não ficava em casa sempre que o via bebedo.

Assim, diz-se que dois rapazes o acompanharam no dia 29 á noite e que esses rapazes pódem ter responsabilidade no crime, se é que ele existe. Não queremos discutir o caso, nem mesmo isso nos compete. O que no entanto podemos afirmar é que se esses rapazes, que naturalmente vão ser encomodados, concorreram para a causa da morte, só o fizéram em sua defêsa, pois que são dois rapazes pacatos, incapazes de provocarem uma desordem, como toda a freguezia o póde atestar.

Morreu esse desgraçado. Foi um martir de pancadas durante a vida, pois desapareceu da sociedade um terrivel provocador que era tambem o flagelo de seus paes, por ele desrespeitados a cada passo e ameaçados com a sua predileta—a faca.

A terra lhe seja leve.

C.

S. João da Madeira, 2

A demissão dada ao regedor désta freguezia sr. Antonio Soares Patricio, causou indignação na maior parte dos sanjoanenses, que lavraram o seu protesto remetendo um abaixo assinado ao Ex.^mo Governador Civil de Aveiro, firmado com cento e quarenta assinaturas de industriaes, comerciantes, proprietarios e mais cidadãos residentes nésta freguezia.

A Junta de Paroquia daqui reuniu no passado dia 26 protestando tambem contra tão injusta e odiosa traição, pois até hoje ainda não são conhecidos os motivos que levou S. Ex.ª o Governador Civil, a demitir um funcionário publico que tem sido tão corréto, amigo da harmonia e da ordem, respeitado por todos e um bom defensor da Republica e das suas leis. A Junta imediatamente telegrafou ao Ex.^mo sr. Governador Civil dando-lhe conhecimento do seu protesto contra a demissão do sr. Soares Patricio porque não conhece as razões justificativas de tão injusta quanto arbitraria demissão.

E' provavel ser este um dos primeiros actos praticados pelo novo Governador Civil sr. dr. Salêma que, por cérto, desconhece a questão do regedor da Oliveirinha, ainda ha pouco tão falada pelo *Democrata.*

Quiz S. Ex.ª dar ouvidos talvez a quem, com odio, tenta agredir a dignidade do sr. Soares Patricio simplesmente por fazer parte da firma Soares, Silva & C.ª, com fabrica de chapéus a vapor.

Pois fique S. Ex.ª sabendo que esta traição jámais desaparecerá do espirito impressionado deste povo pacato, como é o de S. João da Madeira, que não desculpará tão injusta demissão para satisfazer o gaudio a quem a Republica nada déve.

Lamentavel, tudo isto.

C.

Comunicados

A familia Ferreira Pinto Naturista

e as suas afecções nervosas. Tratamento apropriado por Marcos Ferreira Pinto, socio da Sociedade Protetora dos Animaes Domesticos

Vivendo na ilusão da liberdade no bem que devia ter, analisava que o tratamento do meu parente Alberto não mudava para comigo, apezar de lhe terem historiado devidamente o caso. Preparava-se a bofetada; era preciso não desconfiar.

Alguns dias eram passados depois da eleição já referida, quando uma manhã, conforme o meu costume, me dirigia para a barca da passagem, com todo o meu vagar, por ter atracado naquêle momento.

Um berro do sr. Alberto a oferecer-me passagem para Ilhavo no seu carro que esperava na mota da Gafanha, obrigou-me a apressar o passo, porque já estava dentro da barca disposto a partir.

A sua animação era manifesta. Tinha sido feliz na preparação da cilada vingativa. Eu ia apanhar mais uma lição como premio da minha dedicação pela Republica.

O carro era um *dog cart* de quatro logares. Para os dois detraz mandou subir o creado e um amigo politico muito dedicado. Na frente, fez assentar quasi á força, uma ilhavense que tomou logar a seu lado, e para mim diz em ar de comando: tu sentas-te mesmo aqui aos meus pés!!!

Não aceito, respondi. Não vale a pena ir encomodado; espero o carro do costume; assim respondi entalado.

Uma senhora de Aveiro já idosa que presenciou a scena e a indignação que me invadiu a côr, acerca-se de mim e diz-me: não faça caso, os muito ricos são todos assim, alguma cousa você lhe fez.

Não votei como êle queria, foi o que lhe fiz.

Passado pouco tempo é implantada a Republica sem a oposição do sr. Alberto que se encontrava em Inglaterra, donde regressou dias depois na companhia duma interessante *miss.*

O tempo passava sem novidade e a Republica deitando raizes no coração do povo português que começava a ama-la seguia triunfantemente no caminho do progresso.

A primeira intentona monarquica agitava os carolas que para éla iam dando dinheiro. Um passeio pelo estrangeiro néssa altura não deixava de ter cérta comodidade; o tempo estava esplendido e uma entrada em Vigo devia ser agradabilissima. Cá podia generalisar-se a guerra civil.

Não sei bem se já nêsse tempo se procuravam dois wagons de bacalhau que tinha desaparecido da séca da Malhada; é contudo muito possivel que a viagem tambem obedecesse á descoberta dêsse importante roubo. No entanto é natural que para taes pesquisas não darem na vista de alguns más linguas, convidassem á passiata a filha dum republicano sem fortuna, gentileza que dava a entender que a Marilinha tambem tinha ido de graça como quem leva á mestra as meninas.

Pois enganam-se os que assim pensarem. Até os bilhetes de americano foram metidos na conta para tambem reduzirem os gastos que esse patriota ia fazendo na educação social dos seus conterraneos.

Quando essa conta me foi entregue por outro parente, caí das nuvens, e disse logo que não dava mais de cincoenta mil reis, porque era um abuso levar-se aquéla creança a aceitar esse papel, cujas despezas não estavam em relação com a fortuna de quem tinha de pagar as contas.

Mas o ataque era constante, motivo porque tenho de referir mais casos.

Dias antes da partida para o estrangeiro pedi a alguem para ir ao Paço da Ermida receber umas contribuições já vencidas e naturalmente esquecidas naquéla ocasião. E sabem o que respondeu a senhora a quem foram entregues, muito exaltada? O sr. Marcos tinha medo que lhe ficasse a dever, é bem apressado...

Calcule-se por aqui o que foi a educação monarquica. Enquanto os menos abastados eram obrigados a pagar os seus debitos nos prasos marcados, ali de costume, recebiam-se quando calhava e de chapéu na mão, como se fizéssem um grande favor ao Estado pagar-lhe para êle lhes garantir aquilo que teem. E sabem qual foi o resultado de tão delicadamente cumprir com o meu dever de recebedor? Foi ser recebido com uma frieza de morrer, na noute em que, na companhia dum amigo, ali fomos fazer as despedidas aos viajantes em partida. Era uma intimação surda para não mais lá voltar.

A' saída encontramos o portão fechado para me obrigarem a perguntar por onde havia de sair. A resposta foi: por ali é que se sae agora—indicando-nos o caminho escuro dos alpendres. Um pouco de demora do cocheiro no arranjo do carro que nos esperava na estrada, vimos abrir-se o portão, que não era costume fechar-se.

E agora, para cumulo de toda éssa perseguição vi-me colocado numa situação tão delicada, que para me libertar, tive de pedir a minha exoneração do logar de tesoureiro da Fazenda Publica atirando fóra esse emprego ainda monarquico para nunca mais poderem encarecer um favor apregoado aos sete ventos. Qualquer casa importante nomeia os seus empregados sem que tenham de fazer voto da sua consciencia, mas com os logares do Estado acontecia o que se está vendo. E' certo que muito propositadamente me deixei cair, porque preciso esclarecer enigmas.

Nunca poderei defender parentes que tão subtilmente me perseguem por não ser mestiço para poder concordar com a sua desnacionalisação que chega ao cumulo de propagar intensamente a intervenção inglêsa nos negocios que manteem a independencia da Patria. Não tenho obrigação de submeter os meus actos á sua desconcertada vontade.

E ainda declara esta gente, desalmadamente, cinicamente, que fui eu que deixei de ir ao Paço, lançando sobre mim os qualificativos de ingrato, de malvado e falto de conhecimentos da sua civilisação!

Esse repugnante sistêma de ferir alguem diplomaticamente sem que disso possa queixar-se, é tudo quanto ha

12

e admiração na colectividade. Estavam, pois, todos os *complots* entretidos no seu trabalho, desculpem que ainda não digamos tudo, quando nos principios de Setembro os nossos correligionários notavam um alegre *chichirichi* entre todos os conspiradores. Andavam radiantes. E os nossos, que são de uma dedicação e resistencia admiraveis, puzéram-se á *cuca* para saber as razões de tanta satisfação, não tardando a sabe-lo.

Os conspiradores andavam satisfeitos porque tinham chegado ordens e com elas garantias e certezas capazes de deslumbrar o mais desconfiado e timido dos seus mancêbos.

Nada menos do que isto: Que havia fortes e seguras adesões em Bragança, em Vizeu, em Chaves, em Vila Real, Lamego, Guarda, Elvas, Mafra, Torres, Leiria, Amarante, Penafiel e Viana do Castelo. Um primôr de trabalhinho como vêem

Chegados a este ponto convém esclarecer que estas revelações se firmam nas manobras dos conspirantes. Eles é que, vigiados, déram a conhecer todas as suas operações, todas as suas esperanças e todas as suas certezas. Chegamos ao ponto melindroso da questão, isto é, chegamos á ocasião de falarmos do exercito e por isso temos de declarar, muito lealmente, que tanto os nossos como nós, sempre tivémos como ridicula *chantage* a confiança dos monarquicos nas guarnições de diversas localidades. Afóra excepções que guardamos, temos a certeza que essas esperanças seríam desmentidas na primeira hora ou pelo menos teríam de experimentar o castigo que sofreram os revoltosos de Mafra.

Nenhum militar tem, pois, de que se molestar. Guarda-os, a cada um, a sua honoribilidade contra qualquer suspeita. E porque a eles, mais do que a ninguem, interessa saber os termos dessa *chantage*, lançamo-nos francamente na revelação de elementos com que contavam os *complots* realistas.

Nas localidades citadas, pois, garantiam os monarquicos a adesão das respectivas guarnições. *Era uma coisa cérta. Um sucésso seguro!*

9

Apesar do *desgosto* nunca o tonsurado cabecilha deixou de conspirar e assim o vamos encontrar na intentona de outubro do ano passado, desenvolvendo uma rara actividade e exercendo papel preponderante no *complot* da Galiza. Era este reaccionário que, com o conde de Azevedo, o Aparicio de Miranda, o Faria Monteiro, os Albuquerques da quinta do Alão, e um celebradissimo dr. Almiro Vasconcélos, ferrenho inimigo do regimen, que soube captar as bôas graças de um republicano *historico*, ainda sem partido, a ponto de lhe escamotear um despacho nomeando-o administrador dum concelho limitrofe do Porto (!!!), se encarregava de introduzir em Portugal todo o municiamento destinado ao norte e centro do país e que devia armar os conjurados de 1913.

A proposito e porque está no talhe da foice, convém dizer que o dinheiro corria a jorros. Se a memoria nos não falha, a policia do Porto, em face de tanta abundancia, conseguiu saber que o Oliveira Lima—o grande amigo do sr. Sobral Cid, ministro da Republica—levantára na casa bancaria de José Augusto Dias & C.ª uma avultada soma, que, segundo todas as indicações, se destinava á compra de armas.

Ora o Sá Pereira não se deu por vencido com o fracasso da intentôna de 1913 e até, graças á campanha *republicana* que então se levantou—desgraçada campanha foi essa!—ganhou novo animo e melhor alento para continuar, e nessa *continuação* o foram encontrar devotadissimos correligionarios nossos que lhe teem seguido, passo a passo, a prodigiosa actividade de 1914.

Pois como iamos contando a Clotilde de Menezes tem estreitas relações com o famoso masmarro—ela foi sempre *toda* masmarro!—que frequentemente a visitou e visita na sua quinta da Senhora da Hora, onde dorme tantas vezes quantas lhe permitem as suas ocupações conspirateiras, pois fóra disso o seu poiso habitual é o 87 da rua Elias Garcia.

Em 12 de agosto ultimo o Sá Pereira foi-se de longada até a Aveiro pegar conversa ou continuar paleio com o Jaime Silva, ali conhecido pelo *Mijareta*, e um dos maiores

de mais ardiloso, porque aquêle que tentar denunciar esse insulto, ainda é por cima alcunhado de doido, com a mania da perseguição.

Só eu sei quanto tenho sofrido com essas conspirações, sem terem deixado rasto bastante claro para as denunciar, mas ao ser desviado dos ultimos parentes por questões de interesse, não poude mais conter-me sem vir aqui contar o que me teem feito. Bem sei que me falta a competencia dos literatos, mas com o esforço dum ferido que consegue aprumar-se, atiro-me á jornada, semi-louco de dôr, trambulhando a cada passo na pobreza dos meus conhecimentos, e no desgosto que tudo isto me causa.

E hei-de leva-la ao fim.

Ilhavo, 1914.

Marcos Ferreira Pinto

Anuncios

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro

SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO

Faz-se publico que no dia 15 de Dezembro, pelas 12 horas, na Secretaría dos Serviços de Conservação da Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro, perante a Comissão presidida pelo respectivo chefe, se recebem propostas, em carta fechada, para a execução das seguintes taréfas de reparação de pavimento, compreendendo a regularisação de bermas e valêtas:

Estradas e troços	Locaes da reparação	Extensões a reparar	Bases de licitação	Depositos provisorios
E. N. n.º 8, Troço da Mealhada ao limite do Distrito	Entre kil.ms 8,646 e 9,089	443,0	500$00	12$50
	» » 9,089 e 9,532	443,0	500$00	12$50
	» » 9,532 e 9,975	443,0	500$00	12$50
E. N. n.º 40, Troço entre Souto e o kilometro 11	» » 7,952 e 8,398	446,0	442$00	11$05
	» » 8,398 e 8,845	447,0	443$00	11$07
E. N. n.º 40, R. d'Agonciada a S. João da Madeira	» » 0,500 e 1,779	620,0	496$00	12$40
	» » 1,779 e 3,060	620,0	496$00	12$40
E. D. n.º 61, Troço entre o kilometro 32 e Carvoeiro	» » 33,083 e 33,424	341,0	500$00	12$50
	» » 33,424 e 33,765	341,0	500$00	12$60
	» » 33,765 e 34,106	341,0	500$00	12$50
	» » 34,106 e 34,447	341,0	500$00	12050
	» » 34,447 e 34,788	341,0	500$00	12$50
	» » 34,788 e 35,129	341,0	500$00	12$50
E. D. n.º 72, Troço entre Vagos e o Alto das Cabecinhas	» » 17,132 e 17,299	167,0	500$00	12$50
	» » 17,299 e 17,466	167,0	500$00	12$50
	» » 17,466 e 17,633	167,0	500$00	12$50
	» » 17,633 e 17,800	167,0	500$00	12$50
E. D. n.º 75, Troço entre a Quintã e Bustos	» » 0, e 0,298	298,0	500$00	12$50
	» » 0,298 e 0,596	298,0	500$00	12$50
	» » 0,596 e 0,896	298,0	500$00	12$50

As condições especiaes estão patentes na Secretaría dos Serviços de conservação em Aveiro, todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas.

As guias para efectuar os depositos provisorios, são passadas na referida Secretaría, em todos os dias uteis, até ás 16 horas do dia 14 do corrente, e um dos exemplares será selado com um selo de 10 centavos.

As importancias dos depositos definitivos são de 5 °/₀ dos preços das adjudicações.

Aveiro, 4 de Dezembro de 1914.

O conductor chefe dos serviços de conservação,

JOSÉ FERREIRA PINTO DE SOUZA

Dissolução de sociedade

Para os devidos efeitos e conhecimento publico, se anuncia que, por escritura feita nas notas do notario desta cidade, bacharel Joaquim Simões Peixinho, com data de 9 do corrente, se dissolveu a sociedade comercial que até áquele dia existiu entre Manuel Lourenço ou Manuel Pereira Lourenço e Antonio Gonçalves Teixeira, ficando todo activo e passivo com referencia á padaria desta cidade, estabelecida na rua do Gravito, a cargo do socio Lourenço e o passivo que por ventura exista na padaria que a sociedade possuia na praia da Granja, a cargo do socio Teixeira.

Aveiro, 21 de novembro de 1914.

REGIMENTO DE INFANTERIA 24

O conselho administrativo do indicado regimento faz publico que no dia 19 do corrente, pelas 13 horas e na sala das suas sessões se procederá á arrematação dos concertos no calçado das praças, a realisar desde a data da celebração do contrato até 31 de dezembro de 1915.

As propostas serão feitas em papel selado da taxa de 10 centavos e serão entregues, em carta fechada e lacrada e acompanhadas da caução provisoria de 20 escudos, até á hora e no local acima indicados, devendo ser formuladas em harmonia com o modelo do caderno de encargos que se acha pa'ente todos os dias, das 11 ás 16 horas, na sala das sessões do conselho, onde serão tambem prestados os demais esclarecimentos que os concorrentes desejarem.

Quartel em Aveiro, 3 de dezembro de 1914.

O secretario do conselho

Vitorino M. Gonçalves Canelhas

Tenente da Adm. Militar

AVISO

Pelo presente é avisado o sr. José Gonçalves, viuvo de Maria Aurora da Costa, morador no Pará, de que não comparecendo ou não mandando satisfazer o seu débito de 499$00, juros e mais despezas, nos termos da escritura de 23 de Setembro de 1913, dentro do praso de trinta dias a contar da publicação deste anuncio, será requerida, no Tribunal désta comarca, a competente execução hipotecária.

Aveiro, 11 de novembro de 1914.

Manuel Simões de Oliveira

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 6 de Dezembro proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e no inventario orfanologico a que se procede por obito de Maria Ferreira dos Santos, casada, moradora, que foi, em Vale de Ilhavo de Baixo e em que é inventariante Antonio Gomes da Silva Valente, viuvo, residente no mesmo logar, vão á praça para serem arrematadas por quem mais oferecer sobre as quantias abaixo mencionadas, as seguintes propriedades:

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita em Vale de Ilhavo de Baixo, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de 250$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita tambem em Vale de Ilhavo de Baixo, que vae á praça pela quantia de 100$00;

Uma terra lavradia com suas pertenças, sita nas Ribas Altas da Ermida, que vae á praça pela quantia de 390$00;

Um terreno e pinhal, sito no logar da Ermida, freguezia de Ilhavo, denominada a Praça, que vae á praça pela quantia de 50$00;

Um outro terreno e pinhal, sito no Fabacal, que vae á praça pela quantia de 10$00.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incértos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 16 de Novembro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

trunfos da conspirata de 1913. Bem conversadinho, o Sá Pereira seguiu viajem para Lisboa, mas como o apertassem saudades da *Clo*... voltou ao Porto em 14, correndo imediatamente á Senhora da Hora onde concertou com a Clotilde um determinado plano.

Como os leitores vêem os homens de 1913, são exatamente os que aparecem em 1914. Insistimos neste ponto porque essencialmente nos interessa pôr em fóco as virtudes da amnistia e a honestidade da desgraçada e perigosa campanha que cértos e ingénuos republicanos secundaram, dando-nos uma forte impressão de pena e de desgosto.

São, pois, os mesmos.

E' o ex-cabo cadete Eduardo Custodio Rebelo, que se encarrega de nos fornecer as carateristicas do plano que alguns defensores da Republica, dedicados e vigilantes, não podéram desvendar. E' ele o encarregado de transmitir aos chefes dos grupos as ordens do *complot*. E um dia, com aquela carinha de patarata, diz-nos á bôca-cheia que o movimento se daría, sem falta, até ao fim do corrente mez, acrescentando com ar pimpão: *As ordens são terminantes, meus ricos filhos: Nenhum monarquico irá para a guerra debaixo da execranda bandeira da Republica!*

Era o *mot d'ordre*. Ficamos entendidos.

Por seu turno a *Clo*... andava numa róda viva, furando aqui, furando ali, trazendo sempre a correr o seu automovel, o 613 da matricula. Em 17 de Agosto a dama loira andava febril, num rodopio canceiroso e extenuante, toda entregue aos seus preparativos, avistando-se demoradamente com o despachante Abel Martins Pinto e o advogado Moraes de Almeida, que trabalhavam já com decidido ardôr...

Jaime Silva e o Sá Pereira acompanhavam a dansa, emquanto o Abel dos Santos Ferreira—são todos os de 1913, louvada seja a amnistia!—um dos mais fervorosos aliciadores como chefe de grupos, usando variada colecção de emissarios, expedia do seu quartel general da rua 31 de Janeiro, frente aos Herminios—uma mercearia que tambem serve

lambareiros, filial duma cooperativa de Cedofeita—as suas não menos variadas ordens e informações!

A' data da saída das tropas expedicionárias para a Africa, esperavamos nós grosso restolho, pois que nos meios pseudo-sindicalistas, agentes monarquicos especiaes, agitavam os animos e preparavam o trabalhinho...

A este tempo Clotilde teve a prudente ideia de se safar até Pontevedra com o marido e a filha, regressando pouco depois, mas ficando-se, á cautela, por Ancora, onde explodiu aquela bomba nas agulhas!

...Mas agora reparamos que os nossos leitores estão gosando bem a historia, o que não é artistico. O bom é gosar aos poucos, devagar, *piano*, mesmo muito *piano*...

Recapitulando—Ordens de Setembro com importantes adesões—Os conspiradores dizem contar com cértas guarnições e proclamam um seguro sucesso em 1914 —A que vinham Paiva Couceiro por Fontes de Onoro e o coronel Beça por Bragança—A "chantage", do apoio militar—O papel do Porto -A "Clo...„ tem medo...

Deixámos, em Ancora, Clotilde de Menezes vinda de Pontevedra, onde foi vêr de longe, é claro, os tumultos combinados para o dia da partida das forças expedicionárias para a Africa. E temos até hoje de importante as reuniões do Bussaco e da Granja, com Moreira de Almeida, Zé de Azevedo, Luiz de Magalhães e outros, as conferencias do ex-reitor de Caminha com a *Clo*..., o plano denunciado pelo ex-cabo cadete Eduardo Rebelo e diversos personagens ocupadas no trabalhinho da conspiração pela segunda quinzena de Agosto fóra.

Tudo se fazia com a maxima actividade sob a vigilancia socegada e indiferente dos nossos amigos, cuja dedicação nunca é de mais encarecer e cujos processos de vigilancia, quando um dia se tornarem publicos, provocarão assombro